

Mais*

CARTÃO POSTAL EM CRISE

Obra, que está parada, é a primeira e maior reforma do museu desde a execução do projeto da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1914-1992) na década de 1960. Localizado no Solar do Unhão, o MAM ocupa uma área de mais de 5 mil m²

Obras de reforma estão paradas desde outubro do ano passado

Ronaldo Jacobina

ronaldo.jacobina@redebahia.com.br

Todos os dias, centenas de pessoas se deslocavam para o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), para apreciar o sol se pôr na Baía de Todos-os-Santos. Desde o começo de maio passado, o espetáculo foi suspenso. A direção do espaço reduziu o horário de fechamento dos portões em duas horas. Agora, abre às 13h e fecha às 17h.

O complexo museológico, criado por Lina Bo Bardi nos anos 1960 para abrigar a arte contemporânea, iniciou uma reforma em 2013 que não tem data para acabar. Está parada há mais de oito meses por falta de recursos. Dos R\$ 15,7 milhões previstos, R\$ 8 milhões já foram consumidos.

A alternativa para quem gosta de avistar o sol sumir no mar da baía na companhia da arte seria então o Espaço Mário Cravo, mais conhecido como Parque das Esculturas. Criado em 1998 como uma extensão do MAM para abrigar esculturas de artistas contemporâneos, o espaço está abandonado, fechado ao público por questão de segurança e sem previsão de reabrir. Por lá, tudo está em ruínas.

A passarela de madeira que dá acesso a obras de artistas como Tunga, Carybé, Siron Franco, Mário Cravo, Mestre Didi, Tati Moreno, Emanuel Araújo e tantos outros gravadores da cena artística nacional e internacional está comprometida. O guarda-corpo de madeira que circunda a passarela está em decomposição.

Caminhar pelo espaço é como andar num cemitério abandonado. A sensação torna-se ainda mais real quando cruzamos com as três figuras humanas de concreto assinadas pela artista alemã Janaina Tschäpe. Os "corpos" estão cobertos pelo mato. A placa de identificação da obra está a metros de distância e requer esforço para desvendá-la.

O cenário de abandono torna-se maior quando nos deparamos com obras de artistas consagrados como Mestre Didi e Carybé. A primeira, descolorida, a outra faltando partes.

A Sala Rubem Valentim, que retine grande parte do acervo do artista baiano, está fechada. A diretora do MAM, Ana Liberato, não consegue esconder seu constrangimento diante do cenário. Sensível, tenta manter a postura de gestora firme, mas o seu corpo denuncia sua tristeza por não ter o que fazer.



CULTURA CRISE NO MUSEU DE ARTE MODERNA

Patrimônio ameaçado



OBRA PARALISADA

A crise no MAM se agravou quando o dinheiro para prosseguir com as obras escasseou. Há mais de oito meses a Construtora Pentágono, responsável pela obra, fechou o barracão e demitiu os operários. A obra parou de vez. "Não tínhamos como continuar. Seguramos até onde podíamos, depois a situação ficou insustentável porque não recebemos mais nada e ainda ficamos nos devendo. Ativemos que para-lisar", conta Mateus Amorim, diretor da empresa.

Coube a João Carlos Oliveira,

diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), órgão da Secretaria de Cultura do Estado (Secult), responsável pela gestão de museus, cortar custos. Ele foi direto na carne. Dispensou 132 contratados em Regime Especial de Direito Administrativo (Reda). Destes, 24 atuavam no MAM como monitores.

Além destes, a área de vigilância também sofreu cortes. De cada grupo de oito vigilantes que se revezavam em quatro turnos, dois foram dispensados. Segundo Oliveira, todos os contratos venceram ao

mesmo tempo. A equipe, diz o diretor, será substituída por outro modelo de contratação.

"Este é meu modelo de gestão, reduzir o quadro e colocar as equipes para circular pela estrutura do Ipac", justifica. Sua ideia, conta, é substituí-los por jovens do programa Primeiro Emprego. Todos de nível médio. Oliveira garante que cerca de 60 ex-redas serão recontraçados por empresas terceirizadas. Só não sabe precisar quando.

AMEAÇA DE FECHAR

Agora, o museu que já integrou

Embaixo do tapete

Com a saída repentina da equipe de operários que tocava a obra de reforma, iniciada em 2013 e paralisada há mais de oito meses, o lixo e se acumulou, mas se mantém longe dos olhos do público, atrás dos tapumes

o circuito de arte internacional, luta para não fechar. Com as obras paradas, perdeu a vitalidade. O barracão de obras, abandonado pela Construtora Pentágono, virou depósito e refúgio dos seguranças. "Guardamos as coisas da gente lá", conta um dos vigilantes, lamentando a existência de uma geladeira, "novinha em folha", deixada lá. "Podiam dar a quem precisa", sugere.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico, Histórico e Arquitetônico Nacional (Iphan), o Solar do Unhão virou um canteiro de escombros para todos os lados. No ano passado, segundo o diretor do Ipac, o governo liberou R\$ 1 milhão para a obra. Depois, a fonte secou de vez.

Na primeira fase, foram recuperadas duas das três galerias, a capela e o telhado do casarão. Mas nada disso funciona conforme o planejado. Tudo está mal ajambrado. As crateras abertas para instalação do ar-condicionado central aguardam os equipamentos serem comprados. O cinema está a espera de cadeiras, de climatização, dos projetores e demais equipamentos.

Segundo Oliveira, 60% da obra está concluída. Diz que espera recursos para finalizar. "Estamos aguardando R\$ 2,5 milhões para dar um gás". O dinheiro seria usado para adquirir os equipamentos.

OBRAS VALIOSAS

Dentre as obras de arte que integram o acervo do MAM, que reúne mais de 1,2 mil peças de artistas brasileiros contemporâneos, está o quadro *O Touro - Boi na floresta* (1928), da artista modernista Tarsila do Amaral (1928), cujo valor é estimado em cerca de 20 milhões de dólares. A obra está guardada na reserva reserva técnica

APOSENTADORIA

Escolher agência certa pode reduzir espera de benefício para até 14 dias
>> pág. 12

SAÚDE

Relacionamentos abusivos podem provocar ansiedade e depressão
>> pág. 14



FOTOS DE MARINA SILVA

O Solar do Unhão pede socorro. O que se vê por lá é um monte de entulho espalhado por toda a área. Por trás dos tapumes que isolam áreas, externas e internas, escondem-se lixo, restos de madeira e resíduos. A visão contrasta com a paisagem deslumbrante do mar que emoldura o conjunto secular.

“O MAM precisa voltar a existir para a cidade. O museu não tem tido uma atuação”, diz o artista Caetano Dias. A queixa dos artistas é geral. “Não tenho ido lá, mas pelo que me dizem a situação é desoladora. O museu se afastou dos artistas e da comunidade”, lamenta. Para o também artista Almandrade, que ministrou oficinas no MAM e lá também expôs, “o museu, em particular o de arte, no seu acervo e na sua programação, deve refletir essa pluralidade, porque ele não é o lugar da exclusão, e sim do confronto, do diálogo com diferentes manifestações, compatível com a sua função e sua especificidade”, diz.

A diretora do MAM sonha com a volta do Salão de Artes. Da Bienal, ninguém fala. Por hora, o acervo de mais 1,2 mil obras que inclui artistas como Djanira, Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Carybé, Rubem Valentim e Portinari, dentre outros, continuarão privadas de admiradores. Assim como o pôr-do-sol, agora proibido.

**Restaurante vira depósito**

Com o fechamento do restaurante, o espaço vem sendo ocupado por móveis velhos e todo tipo de entulho. O café, que funcionava no foyer do cinema, também teve as atividades encerradas.

Restaurante e café fechados

Enquanto o acervo do MAM repousa na reserva técnica que a equipe de reportagem não teve acesso, num dos salões, centenas de caixas de papelão se amontoam, umas sobre as outras. É o acervo da biblioteca que está lá se deteriorando. Para completar, o restaurante, que costumava atrair um grande público, foi fechado há cerca de um mês. O café também não existe mais. A justificativa é que os contratos de concessão venceram. O diretor do Ipac diz que a intenção é repensar um novo modelo para o espaço. “Uma coisa mais grandiosa, com espaço para eventos, para shows. Um equipamento turístico compatível com o museu. Enquanto isso não acontece, a área é ocupada por entulhos.

**Arte comprometida**

No Parque das Esculturas, obras como a da alemã Janaina Tschäpe (foto) coberta de mato. As de Carybé e do Mestre Didi precisam de reparos. As placas de identificação estão apagadas

Governo anuncia que vai retomar as obras

Após um mês tentando contato com o secretário de Cultura, Jorge Portugal, sem êxito, na última sexta-feira, a assessoria do Ipac encaminhou nota ao CORREIO onde diz que o governador Rui Costa vai dar continuidade às obras.

Segundo a nota: “o governador Rui Costa solicitou ao vice-governador e secretário de Planejamento do Estado, João Leão, que realizasse vistoria no museu, considerado um dos pontos turísticos mais importantes da capital baiana. A visita do vice-governador aconteceu no último sábado, dia 3. A comitiva percorreu todas as dependências do museu”.

A nota informa ainda que, ao final da visita, o vice-governador João Leão reiterou aos diretores do Ipac e do MAM que a reforma é um compromisso importante do governador Rui Costa e dele, como vice-governador e secretário do Planejamento.

Ainda na nota, que segundo a assessoria do Ipac será distribuída à imprensa amanhã, o governo estadual diz: “vamos dar continuidade à preservação desse importante centro cultural que é uma referência das Artes e da Cultura, não somente para a Bahia, mas também do Brasil”.

A nota diz ainda que o governo estadual prevê investir mais R\$ 7,7 milhões na reforma, incluindo requalificações, além dos famosos arcos e o Parque das Esculturas. Os recursos são do Tesouro estadual. Só não informou quando as obras serão retomadas.

**Portas cerradas**

A Sala Rubem Valentim, instalada no Parque das Esculturas, onde o acervo do artista baiano era exposto ao público, está fechada. As peças estão na reserva técnica, um dos poucos lugares seguros

**Passarela destruída**

O acesso ao Parque das Esculturas, também conhecido como Espaço Mário Cravo, foi isolado por absoluta falta de segurança. O piso de madeira, o corrimão e o guarda-corpo estão comprometidos